

# *PARTIDAS*

Livro 33

*Escritos do eu*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***MEDINDO COM A ALMA***

Aquilo que ontem olhei com dura adversidade hoje se confunde e penetra totalmente em mim. Não duvido que em algum momento olhe com assombro a minha capacidade de negar e destruir o que me orgulha; serei sempre pequeno na valorização e grande na negação. Quando penso em todo o encanto que envolve a imensa esperança de que não seja só um sonho meu a gratidão comovida, o delírio de um sonhador que arbitrou o amor e o ódio, leitor de dicionários buscando palavras novas que contassem antigas emoções?

A favor de uma constante vontade, sigo o mesmo, ainda que com movimentos inesperados, às vezes esgotado em tolerâncias, sem novas experiências, oscilando entre a inspiração e a lucidez. Fui à busca do que me fizesse feliz. Qual seria, entre todas essas tentativas, aquela que levasse em si algo que não se acabasse como uma ambição passageira? Fugindo dos desenganos que não aceitaria como meus, exigi-me formar uma só razão, uma só aceitação, pois nunca foi meu ânimo aceitar erros banais ou graves, quis somente passar pela vida sem precisar de socorro moral. Se fui ferrenho admirador de lisura, qual atitude mais corresponderia,

se não a autentica ação eticamente incorporada?  
Pensando bem, tudo o que medi com a alma me fez um radical.

Sem mais delongas, divorciado da utopia, me situo entre a miséria imposta e a opulência fascinante, entre uma solidão selvagem e uma multidão desacompanhada.



### ***ACEITAR VIVER***

Há assunto mais funesto que uma vida mal vivida? Foi somente ante o rigor de graves leis biológicas, contra as quais não funciona nenhuma defesa, que me aceitei finito. Foram oportunas as presenças de uma artrose, uma dor de coluna, uma incomoda tradição de ir perdendo as forças nas pernas, certo furor inverso onde, somados todos os músculos valem por um de antes.

O atual humor de reunir todos maus humores no corpo reanima o sonho de envelhecer sem decadência. Uma imensa e comum esperança rege a fantasia em muitos

de meus momentos. Sabendo eu de sua inutilidade, nada me impede de reanimá-la, de tempo em tempo. Embora um misterioso pressentimento não permitir que essa minha certeza caiba em mim, perder deveria ser uma coisa natural. As preferências seriam eternas, o tempo qualificaria a todos e a tudo, a experiência de vida refinaria a repetição, a antecipação seria evitada, o entusiasmo contagiaria, a história daria lealdade ao afeto e o corpo obedeceria, a voz não enrouqueceria e os gritos seriam acudidos.



## ***VIAJO NOS MEUS SONHOS***

Viajo nos meus sonhos como um fantasma de mim mesmo. Esse quase imortal vive a deixar-me marcas, depois será um lento recordar delas, ligeiras saídas do chão pendurado nas asas de alguma imaginação que me leve distante. Sonho sempre com o mesmo tema: meu passado, que espreita o meu agora. As lembranças em mim são quase um remorso, me invadem na noite,

depositam nela uma tristeza, trazem-me o desconsolo da resposta limitada e a incapacidade de recuperar o tempo.

Não me perco da vida senão pelo descompasso que me desatualiza. Nessa condição, tento amansar os perigos, despovoar os relevos, guardar segredos. Afasto-me deles, sinto toda a dor de arbitrar chegadas e despedidas. Dói quando lembro e quando crio, mas essa não é uma dor de matar; é uma dor de parir.



## ***OS OLHOS E AS PROXIMIDADES***

Trago os olhos como que alucinados de tanto contemplar as distâncias. Empurrado por uma lírica fantasia pronunciada em meus sonhos, reuni todas as minhas lembranças, deixando escapar uma expressão ágil como só uma criança sabe fazê-lo.

Essa planície imensa que é a realidade me trouxe desamparo. As severas transições tornaram inevitável o vício incorrigível de voltar atrás no tempo, que se me

entra selvagem como um vento porta adentro e joga pó no meu caminho, limitando até onde posso chegar. Sendo assim, quando o corpo se me põe a tremer, ao menor indício de uma saudade costumo estremecer como se fosse uma criança diante de uma assombração. Tantos anos, muitas horas sucessivas me trazem um fogão a lenha com chapa de aço e brasas, ocupando um precioso lugar na minha velhice, Cravadas na parede, umas fotos que somente deixam passar algumas caras familiares e lugares conhecidos. Fica, todavia, um pouco de saudades, um pedaço de vazio no meu apetite, um cabide que guarda o chapéu de meu pai e uma luminária central metida entre cristais.

A vida se me foi concedendo aos poucos como se fosse remédio, me acostumando a conviver com as faltas de liberdade, com o claustro.

Vejo a sombra daqueles dias. Quisera poder salvar alguma coisa da minha velha casa. Subitamente, meus olhos se fixam em um objeto que contemplei muitas vezes; um relógio de parede que insiste em badalar.

## *NÃO SEI QUASE NADA*

Estou mais perto de morrer e ainda não sei quase nada de mim. Acabo sitiado entre meu corpo e minhas fantasias quando me permito o nobre silêncio e a solidão. Tudo contribuiu para o meu isolamento. Toda vez que tentei abrir um novo direito à autonomia, um músculo ou uma articulação marcavam o limite entre minha vontade e a possibilidade. Escondendo, dissimulando meu estado, sem compreender muito bem o que se me passa, sinto que as verdadeiras razões estão nas mãos do tempo, que insiste em avançar em descompasso com minha invenção da eterna juventude, ou essa coisa do espírito jovem que me acompanha na hora da alegria.

Embora quase sempre chore pelos ausentes, vivos ou mortos, não me encontro dentro da couraça, nem padecendo ausência de ninhos que insistem em não florescer nesta alma cheia de vida. Aqui estou morrendo de frio, de calor, de rir, de desespero, essa morte não confessada, quase natural, quase vegetal, que me define.

Prometo mais uma vez adquirir um bom costume, começar a portar-me bem, esperar a ocasião de falecer, de terminar, provavelmente morto de pena de ter que

nunca mais ouvir música, ver as flores, a mulher amada, ai quem me dera morrer de amor, cobrir de poesias a dor de tantos, morrer atemporal.

Tento preencher com palavras o que não se pode; há que se viver, muito, intensa, autenticamente.

A vida dá severas respostas quando os tormentos ocupam lugares indevidos. Às vezes pareço habilitar-me a encolher, embora em outras coisas seja convocado a mostrar toda a ternura que guardo em mim. De qualquer maneira, nada vai mudar.

Enquanto isso, ficarei bem comigo toda vez que olhar o que me falta por viver.



## ***DESCUIDOS***

Há dentro de mim um guarda-roupa que insiste ficar em bermudas de linho branco, suspensórios e um sorriso de 7 anos. Ainda vejo ali uma amarelada esperança de que não acabasse o sorveteiro da esquina e o passeio diário com meu pai.

Escondido detrás de uma máscara adulta, retomo o último diálogo com minha mãe. Ainda guardo dentro de mim uma riqueza dos tempos de minha infância e adolescência em Pelotas. Ainda que tente, não consigo descrever, esse passado, haveria que inventar novas palavras e inaugurar novas orações. Trata-se do idioma que pais, filhos, infância e juventude em harmonia estabelecem, tentando adivinhar futuros, novas encadernações, novas divulgações de culturas, afetos, decepções, encontros e despedidas.

Troquei a corda do violão que pacientemente me espera há 30 anos. Cometi o extremo descuido de desprender-me do vício de aprimorar meu sentir, esqueci de atualizar meu velho diário, depositário dos meus pedaços. Voltei a ele em busca dos meus pedaços. Ali, estou ao meu alcance.

## ***FIZ UM TRATO***

Duplicuem os beijos, deles farei um banco de beijos por se acaso me faltem depois. Os guardarei na pele, definitivos.



## ***AFLIÇÃO ÍNTIMA***

Entendo que por laços vitais é necessário começar a usar toda a alegria guardada na minha alma. Quando tomei consciência de mim mesmo, hospedei todo o sentimento que aflora sem prática, ingênuo, entornando benefícios em profusão. Distribuir precedentes aprendidos, metidos nas entranhas caladas expõe, transforma-os em dores. Propositadamente esquecidas, elas misturam, reciprocamente, mitos, penas e ânsias. Tudo entremeado, abafado, gemido como um episódio duradouro, entre olhares e conversações.

Um sentimento de resistência tornou a despedida uma fatalidade caprichosa, abandonando promessas, esperanças. Fingindo uma distração, uma fácil e efêmera aventura, impedi uma vontade de querer fazer-me presente. Despedi-me na hora de ficar. Levo comigo uma aflição íntima.

## ***DAR FEIÇÃO***

Dar feição aos meus sonhos escrevendo os versos mais amorosos, quase trovas, quase definitivas declarações, é tudo a que aspiro, protegendo essa evidência de que me apaixono todos os dias pela vida.



## ***EXILADA CONSCIÊNCIA***

Atirei na cara dos anjos toda essa falta de cuidados. Eles pouco se importaram com meu ato e declararam-me superficial. Enquanto isso, eu me desterro e me extingo sem méritos nesta exilada e solitária consciência. Alcanço ver a vida fazendo acordos entre o sentimento sem controle e aquilo que consigo sentir sem quebrar de vez. Esqueço e oculto um número suficiente de lembranças, não por máculas, senão por mostras de uma defesa que ampara, que conhece o avesso, onde se escoram todas as minhas vontades.

## ***RESTA SABER***

Agora resta saber se as feridas serão cicatrizes. Se uma denúncia inocente basta para desencantar quem se esqueceu de separar o olho da viseira. Desordenei os lamentos quando se tornaram experiências e os enganos modificaram o que eu entendia por prudência. Situado no prejuízo, tentei comandar a reparação. Fiz cessar a ingênua experiência de vida. Instalado no ultraje, atralhei meus planos de viver em paz. Embora acanhado com a desavença entre mim e os que me cercam, sustenho os sonhos.



## ***ESTAR LIBERTO***

Meus sonhos de infância devorei-os de uma vez, sumiram dentro de mim, não consigo encontrá-los ainda que a busca seja incansável e constante. Queria tanto devolver-lhes a fala e tudo o que eles me emprestaram. A mágica possibilidade de sonhar vivia devolvendo-me ao estado perenal, tal a força e a paixão com que

me dominava, dissipando meus medos, pondo em furiosa fuga todas as ameaças que vinham destruir-me, atormentar-me. Noite após noite, decidido a recuperar a capacidade de sonhar, devorava a memória que inventou meu mundo e deu nome às minhas escassas certezas.

Os códigos que disciplinavam minha ânsia discursavam na minha consciência um rosário de comportamentos incessantemente obedecidos, penetravam em mim vendendo as vantagens da obediência. Nunca tive muita coragem, embolsei em meu patrimônio um medo que me alertava a não me meter a discutir com os santos, muito mais porque me afirmaram categoricamente que eles eram os representantes de Deus. Sujeitei-me às disciplinas sem discernir os méritos de cada ordem.

Correr em todas as brincadeiras sob o olhar que controlava, não admitia invenção de itinerários. Tratei de explicar que valiam os disfarces, que eles faziam parte do jogo, mas os gritos dissipavam este argumento, emboscando minha liberdade, tirando-me o uso livre do tempo e do espaço. Dispunham da minha paciência, da minha hora, da minha vontade, provando-me ser um incauto por querer voar, por não ser obrigado a saber tudo o que queriam que eu soubesse.

## *ABONOS*

Os mesmos olhos que precipitaram infinitos abonos robusteceram minha crença de que eu poderia ser, ainda que limitadamente, feliz. Se eles não me sancionassem tão singela disposição e reverência, o ingresso ao mundo dos adultos não teria sido tão difícil.

Precipitado, muitas vezes abri a intimidade, desonerei a vantagem dos cuidados e pronunciei a palavra que selou meu compromisso com o que eu via. A minha inteligência não abrangeu guardar minha emoção que, sem maiores medos, tornou-se um orgulho insensato. Afinado com a declaração de amor e a isenção de exigências absurdas, entreguei abundantemente um amor sem proprietário, coberto de pureza, sem estrofes, rimas, afinações, sem medo de sofrer e acabar. A solidão consentida acaba aqui; decretei-me exilado. Depois, resguardei as coisas mais sensíveis, todo frágil sonho mais íntimo, toda expectativa voltada para o desempenho da conquista e da manutenção, tudo se realizando no mesmo momento em que se vê e se fala e se escreve, se ouve, se sente. Acabado de chegar ao mundo das decisões, fiquei como alguém que, não contente com o alcançado, lançou-se no mundo para

multiplicar infinitamente todo esse sentir. Tenho ruminado muito essa emoção, que insiste em nunca acabar. Indica seriamente sua intenção de se perpetuar, me segue na mesa, na cama, no trabalho, na rua, no silêncio e no ruído. Poucas são as probabilidades de morrer tranquilo, pareço ir em direção à mobilização eterna, desconfortável por não encontrar a tão nomeada paz, logo eu que queria acabar bem, acalmado, contando nos dedos todas as impressões digitais deixadas nas cordas do meu violão.

Tomei as feições que o tempo me impôs sem escolha. Não contente, ele tomou-me alguns direitos que não posso confessar, cassou-me a tolerância e a dicção, a vista plena e uma fácil digestão. Por que não me doou um músculo forte para sustentar a tantos a quem faltam braços e abraços, um olhar que pusesse cor ao cinza da tristeza e uma liderança que congregasse todos os sozinhos? Não há de me faltar lugar onde eu possa esconder a memória que guarda a afeição desse olhar que não arreda de mim.

Acalentando nos braços um lugar para acomodar a minha ânsia, converso com o aventureiro que perdeu o sentido e abandonou a espada, a máscara e a fantasia. Entusiasmado com a vida comum, me distraio todos os

dias com o que vejo e tento dar um lugar e uma direção para esses poucos populares sentidos que fizeram de mim um mortal documentado, cantor, autor que, concordando ou não, fez esse ser que sou.



### ***PRECIOSA ESTAMPA***

Preciosa estampa essa que modela meu sonho, invadindo de carinhos preciosos minha sensibilidade. Ilusão passageira. Contrariando a natureza do sono, sigo sonhando mais, ultrapasso fronteiras, implicado em excessos de alegria.

Imitando o riso, fiz-me franco e aberto, me inseri em todas as obras de arte mais autenticas fazendo-me personagem lírico, poético, audacioso compositor, poeta extremo, fugaz como o prazer.

A vida disposta como painéis desobedientes, compõem meus sonhos acessórios.

## ***O CUSTO DE VIVER***

Estou cheio de cuidados frente à pesada missão de saber o custo de viver. Avalio uma atualização como prática e dever. Examino atentamente o destino, me exijo coragem para modificá-lo. Lanço-me ao desafio para não ter uma mágoa que me pese depois como uma tristeza por não haver tomado em consideração o que é viver neste mundo.



## ***ATUALIZAÇÃO DOS SONHOS***

Longe de requisitar uma disciplina sentimental, como fazem os que rivalizam entre o amor e a domesticação, reservei-me surpresas ao ver-me insólito inventor enriquecendo-me com novas alegrias. vivo de montagens provisórias. A vida se manifesta sempre por vias novas. Invisto na conquista de uma qualificação que signifique originalidade. Busquei me afastar do consolo primitivo que se adapta onde era para se

indignar, povoar a injustiça de litígios, influenciando os méritos e as exigências. A luta, para ser bem sucedida me incentiva como explorador, fazendo da linguagem algo menos complicado que o ato. Desisto das concessões que representam uma cômoda farsa. Em todos os meus tempos o atributo da coerência forma um conjunto que envolve o meu sentir com meu agir. Contra as abusivas regras, a vontade de me revelar, atualiza meus sonhos, alivia-me do pesado tributo de pagar uma culpa. No início, a luta pelo direito de sonhar não tinha outro fim que um sonho, para logo depois se transformar em motivo de viver.



## ***OUTRAS RELÍQUIAS***

Quantas vezes ansiei medir a exaltação sentida no amor! Inspirado nas músicas, nas poesias, na esperança dos outros, no sacrifício dos cristos difundidos e onipresentes, me aventurei a fazer alguma coisa que me confirmasse que o amor não era uma fraude e que

a esperança nele ainda era lícita. Meti-me a fazer o que não sabia, investi onde não devia, deposei no vazio que não confirma. Descumpri, me meti na extensão das fronteiras, tentando emergir, honrando a vida, a aventura de amar, embora frequentemente nela habite o desengano.



### ***MEU OLHAR***

Consumo o tempo, ocupando-me em examinar a natureza com a atenção posta no que vale a pena. Desprezo a solidão, fazendo-me companhia. Guardo uma desagradável noção de existência que, inoportuna, se intromete na minha paz tão duramente alcançada. Olho para ver se as sombras me seguem, se o olho está olhando na direção certa. Olho atônito as injustas fomes dos pedintes, o frio não protegido de quem adormeceu na calçada. Olho a revoada dos pássaros parecendo um cata-ventos ao poente. Deito os olhos em uma criança passante. Olho para o futuro

sem querer prever, olho as ladeiras, as despesas, as esmolas, atento ao que desfila diante do meu olhar, ao que se me apresenta como mundo. Olho-me no espelho tentando me encontrar. Olho com olhos meigos, olhos tristes, furtivos, curiosos, subordinados, penetrantes até consumir o tempo de olhar. Então descanso meus olhares, adormecendo. Espreito os sonhos, vigio os adiados desejos, tento com um olhar acalmar os pesadelos. Olho para as igrejas vazias, buscando onde anda minha fé.

Cruzo com invisíveis, repetidores automatizados que se esqueceram de pensar.



### ***A ESPERANÇA DERRADEIRA***

Cubro o espanto o mais que posso até esvaziar-me de toda a dor que o acompanha. Ensaio um descaso para tornar a vida amena, original, sem as decadências que algumas perdas são capazes de me provocar. Complico os arranjos, rompo a harmonia do conjunto, suporto

calado, até chegar a envernizar o feio, envelhecer a memória, expor a público uma desusada paixão que invento para ficar menos deserto.

De tanto assistir às injustiças, não mais me envolvi com a vida. Me refugiei numa sala sem pompa e sem flores. Diviso as entrelinhas que enxertam algum principio que nada mais vale. Todos os espaços ocupados pelo virtual demitem as virtudes, arruinando encontros, odores, paladares, essas percepções que obrigam as presenças.

Distribuo os assuntos segundo a importância. Frequentemente, divagar tem a vantagem de dar o mesmo destino a tudo, nivelando o espírito e as carências. Já não exigo cultos nem respeito. Foi-me indeferido o pedido de alforria, portanto não posso expressar mais minha opinião nem encontro palavras para exprimir o que eu gostaria. Que sentido tem minha queixa? Doem-me quando me tocam as feridas. Perdi-me das guias, esqueci-me de guardar-lhes a referência, não tenho a hora e o essencial.

Só me restam as esperanças que me levarão de volta àquele valor mediterrâneo, àquelas aldeias libanesas onde nasceram meus pais. Elas guardam meu sonho maior de voltar ali e beber a água das montanhas de Asrun.

## ***MOLDE***

Acusado feito criança, chego à vida no tempo imposto, remetido pelo relógio que avança cumprindo.

Quando começo alguma história, não espero epílogos. Espero alguma crença que arranque de dentro de mim esse céu esquecido, desperte os anjos, ressuscite alguma fé que não se atualize em vão. A vida se me apresenta ambígua. Evito os meus defeitos, me entrego quase inteiro, desconfio de quem me acolhe, penso que é quase virtual minha esperança. Imagino-me um inventor de sonhos exagerados. Alardeio que ando com o peito fechado, ferido, escondendo as cores e os afetos virgens que em mim carrego. Guardo algum pedaço que ainda ficou por viver. Esqueço meu querer, quase choro por uma saudade que sei ter, murcho o riso, fecho a saída conforme o lugar. Não me moldo à ocasião, antes, vocifero ante a injustiça inventada, defendida, produzida há mais anos do que me entendo por gente. A poesia em mim cruza meus limites invadindo horas, lugares, os falsos amigos, os que me toleram e não comparecem à hora de me ofertar amizade. Tenho um amor que se manifesta conforme a hora, que desobedece o relógio, o previsto, a razão, e que inventou uma ordem onde a desordem refez os encontros.

## ***MATERIALIZO***

Tenho a ventura de viver entendendo o que a vida me oferece. Por orgulho, jamais deixarei que o belo se me escape ao instante conforme esse milenar olhar mediterrâneo que se difunde em mim. Todos os caminhos indicam fortes traços. Sinto-me concebido com alguns significados que me transcendem. Essa significação exprime o conjunto de muitas criações, materializando o adorno que em mim compõe alguma virtude.

Se eu não temesse o desafio, o sofrimento e a dor, não entenderia que sem eles a vida não existe. É dessa maravilhosa aventura que eu falo. Trago viva a dádiva e o dano, o pavor e o fervor, um ideal que alimenta uma paixão e carrega consigo a esperança íntima, da qual sou servidor.

Certo dia, quando passe o meu tempo de ver todas as belezas reunidas, nesse cotidiano que me cerca, quando já não me seja mais permitido saudar e viver, inventarei uma presença. Com encanto, então, esse meu anseio roubará a curiosidade de alguém que me leia e me empreste uma canção, uma rima, atualizando minha ausência. Instituirei a herdade, e com ela uma

conservação. Voarei solto com o vento para me distrair dos pesares. Olharei de frente, encerrando todas as ofensas guardadas, fixarei o passado em alguma doce lembrança que habita quem de mim se lembrar. Porei ali minha alegria como quando pela primeira vez diante dos meus olhos apareceram as coisas mais simples, as que são as mais belas.



## ***ENTENDIMENTO***

Esta vida merece resposta. Levei uma vida afortunada, tive muito mais do que imaginava ter, muito mais do que pretendi. Antes de consultar futuros, forjei meus direitos, insisti em abolir qualquer escravidão que me vinculasse ao que me fazia acuado. Sou credor, não cesso de instar resolução. Resolvi levar a público esse meu sentimento, contrariando o sigilo, a vergonha e a privacidade que cuidadosamente, ao longo de tanto tempo, me treinaram discreto. Invadi o silêncio, apaguei a coerência, inundeí meu olhar. O que quero é

dizer, dizer até ser escutado. Transito minhas palavras oportunizando a vontade de transportar as lembranças que há anos visitam a minha consciência. Ocultadas me davam a serenidade e a tranquilidade. Eu me disse que a vida ia bem, ficava parecendo que estava tudo certo. Ainda que não estivesse de acordo, deixei-me conduzir pela vida afora, fui por partes, fui adiante, fui-me de mim. Mesmo sem querer ir embora, fui sem saber que ia. Como plantas entusiasmadas com o incentivo da chuva, acreditei estar no seio da vida, inventando bondades e rancores, precipitações e tolerâncias. Às vezes, querendo sair, às vezes correndo querendo ficar. Tratei de estar isento sem sucesso, dispensei sentimentos excessivamente bruscos, muito embora os arremessasse uma ou outra vez na direção de algum encanto, alguma paixão, alguma decepção.

## ***INVENTO MELANCOLIAS***

Invento uma melancolia que abrigue minha inspiração, que motive minhas penas e descubra alguma arte escondida sem voz. Faço de conta que o vazio me inunda, fingindo carências que às vezes desconfio verdadeiras, inominadas, negadas. Acredito numa fantasia que me cobre de necessários cuidados e em uma mão que afague a enorme carência que me habita como algo estranho, quase formando louvores à clemência que não menciono para não vulgarizar a aflição.



## ***TOLERANDO A FICÇÃO***

E assim, de modo concreto, costumo reagir quando me invadem por simples exploração ou com intenções de uso. Não autorizo a ninguém provocar tumultos na minha pele, nem na minha paz. Essa coletiva invasão sem consulta me ensina o que é perigoso. Fingidos de

festas, esses trotes são como pedras atiradas, são como deboches disfarçados.

Esse novo tempo, onde os homens se fingem de dóceis e gentis enquanto as mulheres se fingem de devassas, tudo se refere ao uso e ao abuso como norma e aceitação. O corpo como instrumento erótico delibera o silêncio da alma para que ela não se intrometa na orgia. A espiritualidade nada sabe dos rituais de imolação, dos tumultos provocados pelas mulheres artificialmente sensualizadas. Em algum momento, os mitos cobrarão resposta pela inversão em que o virtual supera o real. Os absurdos jogam os limites para um além sem direção e o acidental se incorpora como uma diversão. Vez por outra a morte costuma se vingar do descuido e os rastros de onipotência colorem de vermelho o asfalto, os túmulos e as camas, computando mortes parciais ou totais.

## ***SONHO INÉDITO***

Não fico encorajado pelo elogio falado ou manuscrito a estimular desejos fortalecidos por promessas de recepção. Ardentemente atento busco novas oportunidades de viver verdadeiro, sem provas a cumprir, lutando para validar uma certeza de que a vida é a origem vivida, intensa e autentica, com permissões profundas, articuladas entre o passado que esqueci e o futuro que não sei. Reconheço que essa vida não é apenas um tempo a ser cumprido, mas sim um fundamento emocional notável de ser encontrado nos lugares inusitados.

Invento um lugar que haja momento seguinte, inaugurando escalas musicais que inaugurem um novo Astor Piazzolla, repitam Antonio Carlos Jobim, renovem Yo Yo Ma. E que me acorde com uma nova canção de John Lennon e uma estética imortalizada em um quadro que revele um sonho inédito de Salvador Dali.

E, pasmem! De tantas, as novidades saiam dos braços da amada como o carinho mais terno pegando-me desprevenido, pelas costas, desarmado, logo ao acordar, e me dê a paz reivindicada e precisada. Precisava um calor que calasse o frio, se tão vazio não fosse meu vazio e de uma boca que calasse o meu lamento se a minha sede não fosse tanta.

## *INVENTANDO PRIMAVERAS*

Invento duas tristezas e uma alegria. Razão pela qual saí cada vez mais em busca de ficar satisfeito, embora viva esse encurtamento diário do que me resta para encontrar esta eterna e aborrecida morte que ocupará todo o resto dessa breve vida. Adio tudo que posso ao mesmo tempo em que me inundo de decepções forçadas, reinvento esperanças exclusivas da minha humanidade.

Se não me engano penso cada vez mais em me oferecer como raiz, fertilizante e semente retirando a esterilidade de cena.

Aprendi a comer o pão que o diabo amassou sem indigestão. Acompanhei-me fazendo o dia ser noite e calando os sons. Em meio a tanta provação, fiz por merecer algum privilégio quando aflito recorri às gavetas achando que a cartilha da vida era propriedade minha. Esqueci-me de que podia ler ocultar os livros, fechar os olhos, parar de olhar e não mais ver.

Necessitando de um anjo da guarda levantei a cortina para que a luz alcançasse a totalidade do ambiente. Respingando ideias desbaratei as ameaças. Tudo o que eu fazia era buscar alguma garantia para tornar parcial

a dor e a alegria, dei corda nos meus sonhos e descobri que uma fantasia pode me fazer voar.

Belas imagens me ofendem os olhos fazendo-me um aprendiz permanente. Inventei uma primavera sem fim como uma lisonja à natureza. Nela botei flores, filhos, livros e cores.



### ***SOLICITO AOS QUE ME ENCONTREM***

Se eu me perder em alguma esquina, que me achem por inteiro, com minhas esperanças e desesperanças, êxitos e fracassos e me recolham, me reúnam, que não deixem pelo caminho.

Se por acaso descobrirem que me abandonei, não façam caso. Convidem-me a sair do vício da solidão. Abram espaço para as minhas fraquezas escoarem, validem o combate ao fracasso para que eu abandone o costume da tristeza inflada. Deixarei de ser aquele que atua como quase o último espectador da cena que entristece. As recordações me traziam dor, de

tão saudosas se fizeram um fardo. Façam-me uma surpresa que cicatrize a alma rasgada, sequem-me as lágrimas, por prudência deixem-me esconder o meu medo, acobertem minhas fraquezas.

Façam como aquelas assíduas luas companheiras que assistiram ao meu vai-e-vem, ouviram minhas canções, meus poemas sussurrados.



## ***ENREDO***

Para defender-me, me escondo atrás de um sorriso quase permanente que cobre a comoção e o medo. Revejo minha rudimentar maneira de ficar indignado. Para enganar meu medo de sofrer, inundo de livros a minha doída solidão. A companhia das ideias e das palavras torna minha dor respeitável.

## ***CAÇADOR DO PASSADO***

O resgate desse que fui torna-me caçador da minha realidade adormecida no passado. Garimpando, encontro aqui e ali um esquecimento feito pó deixado em cada lugar por onde vivi intensamente. A voz que cantava era condutora dos meus sonhos, fazendo da ternura um produto de contágio proposital. Cada sorriso uma propriedade privada ternamente deixada em algum canto. Temia que alguma traição me violasse a sede de viver.

Ensinaram-me um desejar reduzido, inibido, envergonhado, sofrido. Vivi com culpa minha natureza que brotava inteira e honesta por todos meus poros. Quantos sonhos nasceram e morreram calados dentro de mim. Sigo sentindo como uma criança assustada que teme confessar-se atemporal, sabendo ser o tempo um dos crônicos mistérios, promotor de angústias que criam desafios entre a paixão e a resignação.

Especializei-me em cuidar dos outros embora eu seja um daqueles que mais necessita de cuidados. É que esse meu olhar fica curto para alcançar ver-me em minhas carências. Uma das caras da minha onipotência pretende despojar-me do vazio que me habita, disfarçando minha fragilidade ao simular fortalezas.

## ***UM CAMINHO***

A dança da imaginação tornou possível acordar o poeta, deu início a um caminho de construções que não me intimidam.

Sigo pensando nos parênteses da vida e se a realidade alguma vez me permitirá dar espaço aos sonhos que, despertados, possam viver pequenas histórias. Nomeio a vida como mulher amada e de alma transformada. Faço graças de colorir momentos, viajo pela imaginação e conheço o que legitima os desejos e meu afã de realização. Tiro todas as censuras que obscurecem a criação dos sonhos que me parecem obra incompleta por falta de lugar, monumento digno e útil como uma companhia.

Roberto Curi Hallal

